

AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM VALE VENETO

THE COMMEMORATIONS OF THE CENTENARY OF THE ITALIAN IMMIGRATION IN VALE VENETO

Juliana Maria Manfio¹

RESUMO

No ano de 1975, a comunidade de Vale Vêneto, que foi colonizada por italianos, organizou-se para comemorar os 100 anos da imigração italiana, promovendo uma festa com celebração católica, inauguração de museu, jantar típico entre outras atividades. O presente trabalho tem como interesse compreender o ato de festejar o centenário da Imigração Italiana na localidade de Vale Vêneto, localizada na região central do Rio Grande do Sul. Para explorar esse evento, foram utilizados os jornais *A Razão de Santa Maria-RS* e *O Radar de Faxinal do Soturno-RS*. Neles, foi analisada de forma externa e interna a fonte jornalística, inspirada nas contribuições de Luca (2008), buscando compreender a divulgação das festividades e as imagens das comemorações. A partir disso, entende-se que o ato de festejar seja um importante meio de compreensão dos ritos da vida coletiva e da construção da imagem e cultura italiana na comunidade de Vale Vêneto.

Palavras-chave: Cem anos. Imigração & colonização. Festividades.

ABSTRACT

*In the year 1975, the Vale Vêneto community, which was colonized by italians, organized to commemorate 100 years of Italian immigration, promoting a celebration with Catholic celebration, museum inauguration, typical dinner among other activities. The present work has as an interest to understand the act of celebrating the centenary of Italian Immigration in the locality of Vale Vêneto, located in the central region of Rio Grande do Sul. To explore this event, the newspapers *A Razão de Santa Maria-RS* and *O Radar de Faxinal do Soturno-RS*. In them, the journalistic source, inspired by the contributions of Luca (2008), was analyzed externally and internally, seeking to understand the dissemination of the festivities and the images of the celebrations. From this, it is understood that the act of celebrating is an important means of understanding the rites of collective life and of the construction of the Italian image and culture in the community of Vale Vêneto.*

Keywords: One hundred years. Immigration and colonization. Festivities.

¹ Doutoranda em História pela UNISINOS. Mestre em História pela UFSM. Licenciada em História pela UNIFRA. Estuda processos migratórios italianos no Rio Grande do Sul, com ênfase na região da antiga Colônia Silveira Martins. Bolsista CAPES/ Prosup.

INTRODUÇÃO

Em 22 de abril de 1973, foi instituído no Rio Grande do Sul, o Biênio da Colonização e imigração, com o intuito de “exaltar a obra daqueles que, após lutas longas e ásperas, ocuparam e povoaram a área que constitui o território deste Estado, incorporando- à Pátria comum”. Além disso, o decreto buscava reconhecer “as levas imigratórias que para cá vieram e aqui se fixaram, provindas de terras distantes em busca de uma pátria nova, e se juntaram aos primeiros povoadores no esforço das realizações solidárias [...]”² Dessa forma, o decreto tinha como finalidade a celebração, nos anos de 1974 e 1975, do sesquicentenário da imigração alemã, do centenário da imigração italiana e de demais grupos étnicos que se estabeleceram no Estado.

A região da Serra Gaúcha, onde se concentram as três primeiras colônias de imigrantes italianos (Conde d’Eu, Dona Isabel e Caxias)³, foi o palco das comemorações oficiais do centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. As festividades ocorreram nos dias 19 a 22 de maio de 1975, “em homenagem aos pioneiros peninsulares que ajudaram na colonização do Rio Grande do Sul”, nas cidades de Porto Alegre, Farroupilha, Caxias do Sul e Bento Gonçalves.

O quarto núcleo de imigração, a ex-colônia Silveira Martins (conhecida atualmente por Quarta Colônia) não integrou as comemorações oficiais. No entanto, buscou também festejar os 100 anos da imigração italiana. Nesse espaço, as diferentes comunidades e cidades promoveram suas comemorações da forma que acreditaram serem mais oportunas. Porém, esse artigo vai se deter no estudo das festividades que ocorreram na comunidade de Vale Vêneto⁴, pela sua representatividade dentro desse espaço colonial. Abaixo, encontra-se um mapa da localização de Vale Vêneto.

2 *DECRETO Nº 22.410, DE 22 DE ABRIL DE 1973*. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 22 de abril de 1973.

3 Os imigrantes italianos se instalaram em núcleos de colonização a partir de 1875, onde chegaram os primeiros colonos da colônia de Nova Milano.

4 Atualmente é distrito do Município de São João do Polêsine. No período das comemorações, pertencia ao município de Faxinal do Soturno.



Figura 1: Mapa da localização de Vale Veneto

Fonte: www.valeveneto.net

Nesse sentido, o presente artigo tem como interesse compreender o ato de festejar o centenário da Imigração Italiana na localidade de Vale Veneto, através da análise de notícias e fotografias dos jornais *A Razão*⁵ e *O Radar*⁶. Entende-se que o ato de festejar o centenário da imigração italiana seja um importante meio de compreensão dos ritos da vida coletiva e da construção da imagem, da identidade e da cultura italiana na comunidade de Vale Veneto.

Para a realização deste estudo, optou-se por uma análise interna e externa da fonte jornalística, já que ela permeia grande parte deste artigo. Nesse sentido, ao optar pela análise de fontes jornalísticas, buscou-se nesta investigação, encontrar informações detalhadas sobre as comemorações do Centenário da Imigração italiana em Vale Veneto e sobre os promotores destes eventos festivos. No entanto, leva-se em conta que:

[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como

5 O jornal *A Razão* encontra-se disponível no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.

6 O jornal *O Radar* encontra-se disponível no arquivo morto da Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno-RS.

digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. (LUCA, 2008, 139)

Nesse sentido, o jornal noticiou os acontecimentos conforme seu interesse e do público que quis alcançar. E o trabalho do historiador é buscar problematizar o conteúdo, a forma como as notícias são apresentadas, sua frequência e o público que se quer alcançar. Por isso, no caso das comemorações dos 100 anos da imigração italiana, a análise do jornal possibilitou mostrar como a comunidade e promotores organizaram-se para estes eventos festivos e, como as festas foram anunciadas, preocupando-se com a repercussão anterior e posterior dos ritos festivos.

O aporte teórico está ancorado em dois temas que circundam este artigo: o primeiro, em relação à imigração italiana, com os trabalhos de Vendrame (2007, 2013), que observou o processo migratório da região da antiga Colônia Silveira Martins através de um olhar crítico diante de fontes criminais, notariais, de compra e venda de terra. Sua análise proporcionou ver a organização social dos imigrantes em relação à vida privada, às relações de honra e justiça, a política e administração e diante da Igreja e seus representantes. O segundo está aportado no tema de festas, com Albuquerque (2011) e Da Matta (1986), que abordam as manifestações festivas como uma forma de perceber a construção de uma cultura e de uma identidade através da organização social de um determinado grupo.

Nesse contexto, justifica-se a necessidade desta produção, pois pretende apresentar, por meio da análise da fonte jornalística, a organização de uma festividade que comemorou os cem anos da chegada dos primeiros imigrantes italianos na comunidade de Vale Vêneto, trazendo dados de uma pequena localidade que resolveu festejar a história dos pioneiros – história esta estritamente ligada à comunidade – trazendo para a discussão os costumes, hábitos e a organização social local.

1 O Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto

Este trabalho tem o objetivo de traçar um breve histórico do processo migratório de Vale Vêneto, a partir da bibliografia produzida recentemente sobre a temática, através de Vendrame (2007; 2013). Ainda existe uma lacuna de estudos relacionados à história da chegada dos imigrantes e a decisão da comunidade de festejar o seu centenário e a programação dos festejos. É possível afirmar que, segundo o jornal *A Razão*, a comunidade

passou a organizar-se a partir de 1975, através da formação de comissões executivas, que passariam a planejar as festividades. No entanto, é válido ressaltar que as comemorações ocorridas em Vale Vêneto iniciaram em 1975 e se estenderam até 1977.

Como uma forma de conhecer o contexto histórico daquela comunidade, será realizado um pequeno esboço histórico que iremos abordar a seguir.

2 Breve histórico de Vale Vêneto

Vale Vêneto foi um dos núcleos de colonização italiana pertencentes à Colônia Silveira Martins – a quarta colônia no Rio Grande do Sul. A comunidade foi fundada em 1878, a partir da chegada do imigrante Paulo Bortoluzzi e seu grupo familiar, que “era composto por um total de trinta pessoas, além de outros parentes, vizinhos e conhecidos das comunas próximas de Piavon [na Itália], formando um agregado de duzentos indivíduos” (VENDRAME, 2014, p. 172).

Além disso, o grupo familiar Bortoluzzi financiou a vinda de dois padres italianos para dar assistência religiosa ao núcleo colonial. De acordo com Vendrame (2007, p.44), quando os imigrantes se instalaram no núcleo colonial, buscaram formar um “ambiente onde pudessem viver em melhores condições das que estavam acostumados na Itália”. Nesse sentido, o núcleo de Vale Vêneto (1878), se mobilizou rapidamente, edificando uma capela e, “passou a planejar a vinda de um sacerdote que se instalasse no lugar”. A comunidade organizou-se de tal maneira que enviou como emissário responsável, o imigrante Antônio Vernier, à Itália com o intuito de encontrar um sacerdote. No final de 1881, chegaram à Colônia Silveira Martins, os padres Antônio Sório e Vitor Arnoffi.

Vendrame (2007) afirma que houve um impasse entre as comunidades de Silveira Martins e Vale Vêneto no que tange a permanência dos padres nos núcleos coloniais pois, quando desembarcaram em Porto Alegre, os sacerdotes não tinham dinheiro para seguir a viagem, resolvendo que “um deles permaneceria ‘refém’, enquanto o outro iria até a Colônia Silveira Martins avisar que haviam chegado” (VENDRAME, 2007, p.45) . Então, para buscar o padre que havia permanecido na capital, duas comissões foram criadas, “uma da sede Silveira Martins e outra de Vale Vêneto, o que deu início a um impasse entre as duas comunidades” (VENDRAME, 2007, p.45).

O problema foi “resolvido” com a decisão do bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira que “decretou que um sacerdote permaneceria em Silveira Martins - Vitor Arnoffi -, e outro iria para Vale Vêneto - Antônio Sório”

(VENDRAME, 2007, p.46). Esta ação do bispo não satisfez a comunidade de Vale Vêneto, pois Vale Vêneto ainda se manteria sujeita à sede da ex-colônia. “Os descontentes não queriam se sujeitar a tais condições, por isso protestavam contra o que consideraram uma injustiça, já que eles haviam financiado a vinda dos sacerdotes da Europa (VENDRAME, 2007, p.46).

De acordo com Vendrame (2014), tais iniciativas do imigrante Paulo Bortoluzzi tinham como finalidade promover a autonomia e o progresso de Vale Vêneto. Em 1887, chegaram os *padres palotinos* em Vale Vêneto e, no ano de 1892, instalaram-se as irmãs do Sagrado Coração de Maria, motivo pelo qual o povoado tornava-se um importante centro religioso dentro da colônia. Dessa forma, a comunidade foi crescendo e,

[...] o imigrante Paulo Bortoluzzi adquiriu diversos lotes coloniais, abrindo ao mesmo tempo uma casa de negócio e um moinho no centro do recém-fundado povoado. Posteriormente, vendeu pequenas dimensões de terras aos padres para que, assim, pudessem se estabelecer no lugar. Também realizou empréstimos financeiros aos sacerdotes (VENDRAME, 2014, p.173).

Como procurei mostrar, a atuação da igreja foi muito presente na colonização do Vale Vêneto, sendo possível perceber a presença e a atuação da Igreja Católica e das ordens religiosas na organização social da comunidade. Dessa maneira, quase aos cem anos da fundação de Vale Vêneto, a comunidade organizou-se para comemorar o centenário da imigração italiana, através de uma festa, “como aquilo que ela é, uma forma de discurso, uma maneira de significar, uma forma de produzir, distribuir, fazer circular e se apropriar de sentidos” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 146). Cheias de significados, produziu-se uma festa com missa católica, inauguração de museu, benção do bispo, presença de autoridades locais e um jantar com muita fartura, assunto que será tratado a seguir.

2.1 As comemorações dos 100 anos da Imigração Italiana

O jornal *A Razão* noticiava que, “Vale Vêneto prepara-se com grande entusiasmo para festejar a Imigração Italiana. A região de predominância italiana fará com que atraia pessoas da redondeza. Comissões especiais foram formadas para que não falte nada para estes festejos”⁷. Verifica-se, diante do conteúdo desse material jornalístico, que a região tem como

7 Vale Vêneto quer fazer a maior polenta: 4 metros. In *Jornal A Razão*, Santa Maria, julho de 1975.

maioria os descendentes de imigrantes italianos, sugerindo que eles predominam no local, mas, no entanto há outras etnias que também habitam aquele espaço.

No intuito de compreender o significado que a festa do centenário em Vale Vêneto tentou produzir, buscou-se o aporte teórico em Albuquerque (2011, p. 146), que “aborda o festejar como um momento de instauração de diferenças, de criação e simulação do novo, mesmo a pretexto de encenar o idêntico e o semelhante”. Nesse sentido, buscava-se ressaltar as características da cultura italiana em Vale Vêneto, a partir dos atos de festejar, como a alimentação, a missa, a inauguração de acervo com objetos da colonização e com o canto.

No entanto, as comemorações do centenário da imigração italiana em Vale Vêneto aconteceram em 1975 e, não em 1978, ano em que a comunidade festejaria 100 anos de fundação. O jornal *A Razão* também comunicou essa informação: “embora Vale Vêneto festeje seu centenário em 1978, neste ano [1975] ocorrerá uma festa”. É provável que a escolha da data seja em alusão às festividades que estavam ocorrendo no Rio Grande do Sul, em relação ao centenário da imigração italiana no Estado.

O título desse capítulo é referente a uma das doze notícias divulgadas pelo jornal *A Razão*, da cidade de Santa Maria – RS, que propagandeavam a festa que comemoraria os cem anos da imigração italiana ocorrida na localidade de Vale Vêneto. A festividade na comunidade ocorreu no dia 26 de julho de 1975,

[...] embora 25 de julho, ‘Dia do Colono’, parecesse a data mais indicada para a abertura oficial dos festejos da Imigração e Colonização em Vale Vêneto, o dia 26 acabara ganhando a preferência, uma vez que o sábado permite reunir um número ainda mais expressivo de pessoas nessa homenagem ao colono imigrante⁸.

Nesse trecho da notícia, fica claro que o evento ocorrido em Vale Vêneto tinha como finalidade trazer o número máximo de pessoas e, não apenas para mostrar a cultura italiana enraizada na localidade e homenagear o pioneiro italiano. Nessa perspectiva, percebe-se um caráter lucrativo, no sentido de atrair o público para ir à festa e consumir os produtos produzidos pelos descendentes de italianos. Por esse ponto de vista, Albuquerque (2011, p. 145) afirma que, as festas são investimentos realizados, [...] tanto

8 Muito vinho e polenta na Festa de Vale Vêneto. In: Jornal *A Razão*, Santa Maria, 25 de julho de 1975, p.3.

pelas elites destas comunidades, como pelos diversos grupos sociais que participam da festa, investimentos de sentidos, de significados, de desejo e expectativas tanto no passado, como no presente.

Além disso, as reportagens frisavam a curta distância entre Vale Vêneto e a cidade de Santa Maria, como vemos no seguinte trecho: “[...] segure o seu ingresso firme e vá lá que a distância é curta, apenas 40 quilômetros asfaltados de Santa Maria⁹.” Nesse sentido, constatamos que a festa não era apenas para a comunidade e sim, para o público em geral, destacando ainda o convites para a população santamariense a participarem da festividade em Vale Vêneto.

O próprio uso do termo gringo apareceu quatro vezes em notícias do *A Razão*. O termo *gringo*, que significa *estrangeiro*, passou a designar, diante das publicações do jornal, os moradores da comunidade, que são, em grande maioria, descendentes de imigrantes italianos. Outras três notícias foram intituladas de “gringolândia”, sendo que o sufixo *andia*, significa terra. Logo, diante das publicações do referido jornal, a gringolândia é a terra dos gringos, é a terra de imigrantes italianos e de seus descendentes.

No dia 26 de julho de 1975, aconteceu a seguinte programação em virtude dos 100 anos da imigração italiana: primeiramente aconteceu uma missa em ação de graças, que simboliza a imagem de religiosidade e fé do imigrante e descendente de italiano. Manfroi (1975) atribuiu um sentimento religioso em torno do imigrante italiano, desde o início da colonização. “A oração individual nos momentos difíceis, a prece familiar nas frentes de trabalho da floresta, a liturgia dominical da sociedade da linha colonial foram uma constante característica dos colonos italianos” (MANFROI, 1975, p.157). Por isso, celebrar o centenário a partir de uma missa é extremamente significativo, para mostrar a importância da religiosidade do imigrante, desde o período da colonização, contribuindo para fator de amparo espiritual e de organização social.

Após o momento religioso, ocorreu a inauguração das luminárias de mercúrio nas principais ruas da localidade. Esse elemento também se torna bastante significativo, pois valoriza o trabalho do imigrante e do seu descendente, em prol ao crescimento da comunidade e representa ainda o progresso e o desenvolvimento local.

As comemorações do Centenário provocaram um processo de recuperação de documentos e objetos dos imigrantes, que resultaram, na comunidade de Vale Vêneto, na inauguração do Museu do Imigrante Pe.

9 Muito vinho e polenta na Festa de Vale Vêneto. In: *Jornal A Razão*, Santa Maria, 25 de julho de 1975, p.3.

João Iop. É considerado o maior acervo sobre a história da imigração italiana no Rio Grande do Sul, contendo mais de três mil peças doadas pela comunidade. Dessa forma, construiu-se um espaço de memória através de utensílios utilizados pelos italianos no período da colonização. Pierre Nora (1990) atribuiu aos espaços de memória:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda uma memória suficiente para que, se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade se torna residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória.

Dessa maneira, a construção desses espaços de memória constitui em um sentimento de continuidade através da recuperação dos objetos deixados pelos imigrantes italianos. Nesse sentido, a criação de museus e monumentos aos imigrantes em momentos festivos são obras realizadas para homenagear, agradecer e guardar/construir uma memória sobre a história dos antepassados (RAMOS, 2013).

Logo após as inaugurações, a comunidade seguiu para o salão paroquial, onde havia uma polenta de 9 metros de diâmetro, como mostra a imagem abaixo:



Fonte: Jornal O Radar, de Faxinal do Soturno, de 16 de agosto de 1975, p.16. Arquivo da Prefeitura de Faxinal do Soturno.

A imagem foi retirada do jornal *O Radar*, de Faxinal do Soturno - RS, do dia 16 de agosto de 1975. A fotografia contextualiza umas das poucas imagens reproduzidas da festa do centenário da imigração italiana ocorrida na localidade de Vale Vêneto. A pequena comunidade providenciou a “maior polenta da história”, representada na parte inferior da imagem. A polenta, que possuía em torno de 9 metros de diâmetro, quer mostrar tanto para a comunidade, mas também para os indivíduos que vem de fora da comunidade, a fartura da mesa, os alimentos tipicamente italianos produzidos pelo imigrante e seus descendentes, conquistada através do seu trabalho, de sua fé e religiosidade¹⁰. Dessa forma, “as imagens são transmissoras de uma herança do passado” PESAVENTO (2008, p. 102), sendo deste passado relacionado com a imigração italiana, com a superação das dificuldades e com o êxito final, valorizando o trabalho do imigrante italiano na pequena propriedade agrícola, na produção de alimentos.

A polenta parece ter se tornado o grande símbolo da culinária italiana na região da antiga colônia Silveira Martins. No entanto, apesar do grão do milho ter sido trazido da América pelos espanhóis, a cultura da polenta parece ter vindo da Itália, como alimento base para “matar” a fome dos pobres. O milho foi introduzido para a Europa como um produto que auxiliaria a combater a fome endêmica que assolava aquele continente. Segundo Luzzatto (2005, p.112), “[...] o milho foi ganhando toda a península [italica], especialmente a enorme planície da bacia do pó. O cereal adaptou-se perfeitamente, produzia bem e era barato, acessível a todos, mesmo aos mais pobres”. Dessa forma, ao migrarem ao Brasil, a polenta continuou sendo um produto base para a alimentação dos imigrantes, tornando-se um prato representativo na culinária produzida na região da antiga Colônia Silveira Martins.

Diante da polenta, um aspecto foi reforçado: a benção da polenta pelo Bispo Dom Ivo Lorscheiter, antes de ser distribuída e consumida pelo público. O ato de benzer um alimento tão significativo da cultura italiana demonstra um sentimento de agradecimento à fartura na mesa do imigrante e do seu descendente. Além disso, representa a importância da religiosidade no cotidiano daquela sociedade.

Considerando que a fotografia é uma fonte histórica, de representação do passado, utilizou-se como metodologia, a análise histórica-semiótica, proposta por Ana Maria Mauad (1996). Segundo a autora, esse tipo de crítica quer [...] apresentar a fotografia como uma mensagem que se elabo-

10 O jornal *O Radar* mostrou em números a abundância de comida que sobrou na cozinha da comunidade: “100 quilos de salame, 30 dúzias de ovos, um panelão de risoto, 20 quilos de salame e 20 quilos de galinha assada” p.16.

ra através do tempo, tanto como imagem/monumento quanto como imagem/documento, tanto como testemunho direto quanto como testemunho indireto do passado (MAUAD, 1996, p.1).

Outro fator relevante é o grupo de pessoas, entre homens e mulheres, que está no centro da imagem. Nessa fotografia foi possível identificar, na parte centro para a direita, uma pessoa com o prato na mão e outra, provavelmente cortando a polenta. Boa parte dos indivíduos está com garrafas nas mãos (algumas são garrações provavelmente de vinho e outras são garrafas menores), erguendo-as para cima, no sentido de celebrar a vitória – daqueles imigrantes italianos que chegaram até Vale Vêneto e ali construíram suas vidas. No entanto, é válido ressaltar que as pessoas posaram para a foto foi tem determinada intenção, bem como para o fotógrafo que registrou o momento. De acordo com Paiva (2004, p. 19-20):

[...] a imagem não é retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos, assim como teriam sido. Isso é irreal e muito pretensioso. A História e os diversos registros históricos são sempre resultados de escolhas, seleções e dos demais agentes que influenciaram essa produção.

E ainda, outros membros do grupo que aparece na fotografia possuíam copos nas mãos, evidenciando que estariam bebendo, provavelmente o conteúdo das garrafas – exatamente no centro da imagem, uma mulher está enchendo o copo com o líquido que está em uma das garrafas – que podemos suspeitar que seja o vinho, devidos o letreiro que se encontra na parte superior da imagem.

Na parte superior da imagem, logo acima do grupo, é possível observar uma taquara ou galho de árvore com salames pendurados – outro alimento identificado pela comunidade como típico da culinária italiana, produzido ainda na antiga zonal colonial. Acima dos salames pendurados, encontra-se o seguinte letreiro em italiano: “*Aqua fa male e el vino fa cantare*”, traduzido para o português que significa: água faz mal e vinho faz cantar. Tal frase que foi sugerida como “a receita para o povo ficar alegre”¹¹, pode ser identificada também como os elos entre o sagrado e o profano das festividades do centenário da imigração. No sentido que, o sagrado se refere aos elementos da Igreja Católica que estão presentes do festejo como a missa, a benção e o Bispo; e o profano, no sentido de que, através do excesso de bebidas alcoólicas, como o vinho, poderia causar manifestações imorais

11 Em Vale Vêneto a maior polenta da História. In: Jornal *O Radar*, de Faxinal do Soturno, de 16 de agosto de 1975, p.16. Arquivo da Prefeitura de Faxinal do Soturno.

diante das normas de conduta da Igreja, bem como da comunidade local¹².

De acordo com o jornal *A Razão*, “o que estava chamando mais atenção em Vale Vêneto, sábado, é o jantar às 20 horas com o cardápio próprio dos italianos”¹³. Dessa forma, percebe-se que, os alimentos que constituíam o jantar na comunidade eram considerados típicos da Itália, trazidos pelos imigrantes. A alimentação se apresenta como um elemento que os diferenciava dos demais grupos étnicos. Segundo Da Matta (1986, p.39), “a comida vale tanto para indicar uma operação universal – o ato de alimentar-se quanto para definir e marcar identidades pessoais e grupais, estilos regionais e nacionais de ser, fazer e viver”. Essa festividade, a culinária é utilizada como diferenciador e como um marcador da identidade italiana.

O cardápio do jantar era: “sopa de agnoline, radicci temperado com toucinho, fortaia com salame, queijo colonial, risoto, carne de galinha ‘lessa’, vinho de colônia puro, polenta e, como sobremesa, grostoli”¹⁴. São alimentos que foram produzidos na comunidade colonial, sendo considerados típicos dos imigrantes, mostrando ao público de fora a simbologia de uma alimentação farta, provindo do trabalho e da dedicação do imigrante e do seu descendente. E é nesse sentido que Da Matta (1986, p. 39) atribuiu que “a comida define as pessoas”, definindo uma identidade, uma cultura e um modo de viver.

Para finalizar a noite de comemorações, foi realizado um baile da imigração, com a escolha da rainha da imigração. Esses tipos de comemorações promovem “a descoberta de talentos, da beleza, da classe social, do preconceito e da alegria” (DA MATTA, 1986, p.55). O jornal não deixa grandes detalhes sobre esse concurso, mas é provável que os critérios de escolha da candidata sejam parecidos com a escolha da rainha da imigração de Santa Maria: “as candidatas desfilarão em trajes típicos, deverão ter idade mínima de 15 anos completos e serem filhas de descendentes de pais italianos”¹⁵. Fica evidente que as candidatas à rainha da imigração deveriam ser descendentes de imigrantes italianos, criando a dúvida quanto à origem dos pais, pois o jornal fala que de “pais italianos”, sugerindo que estes seriam italianos de nascimento e não apenas descendentes de imigrantes.

Por fim, ficou evidente que as comemorações do centenário da Imi-

12 Nesse sentido, pensamos na festa como “uma ruptura com o cotidiano, um momento excepcional na vida social, uma momento de quebra de rotina, um espaço lúdico [...]”. (ALBURQUERQUE, 2011, p. 136).

13 **Muito vinho e polenta na festa de Vale Vêneto.** In: jornal *A Razão*, Santa Maria, 25 de julho de 1975, p.7.

14 Muito vinho e polenta na festa de Vale Vêneto. *Op Cit.*

15 **Baile da Imigração.** Jornal *A Razão*, Santa Maria, 16 de julho de 1975, p.7.

gração Italiana que aconteceram em Vale Vêneto exaltaram a imagem do imigrante italiano religioso e trabalhador, recriando e recuperando “o tempo, o espaço e as relações sociais” (DA MATTA, 1986, p.54). Estabelecidos na comunidade, desenvolveram seus hábitos e costumes deixados de herança para os descendentes. E foi essa herança que a comunidade de Vale Vêneto representou através de uma festa, como um momento de ritualização, “de por em cena os valores e modos de ser e pensar [...]”¹⁶. E, assim, a comunidade utilizou-se da religiosidade e da alimentação, representados na polenta, no salame e no vinho, os elementos capazes de identificar como típicos italianos, os moradores de Vale Vêneto, criando um espaço chamado de gringolândia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta a análise das fontes – o jornal e as fotografias que foram divulgadas –, percebemos como aconteceram as comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto, pequena comunidade colonizada por imigrantes italianos no final do século XIX. Seus festejos tinham como intuito lembrar, homenagear e guardar na memória, a história dos imigrantes.

Estas festividades tiveram traços religiosos, com a celebração de missa e bênção de um dos principais símbolos que a comunidade atribuiu aos antepassados: a polenta, fazendo da alimentação, um dos aspectos que chamavam a atenção do público que vinha prestigiar a festividade. A religiosidade é evidenciada nessas manifestações festivas, como algo que auxiliou os italianos na sua organização social, depois da instalação dos lotes coloniais.

As formas de festejar, encontradas pela comunidade de Vale Vêneto, mostram os momentos de ritualização e de simbolismo preparados pela comunidade como a melhor forma de recordar os aspectos da cultura dos antepassados que ainda se encontraria presente no local.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. *Revista Patrimônio e Memória*. V.7; n.1; p.134-170. Jun/2011.
- DA MATTA, *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- MAUAD, Ana Maria. “Através da fotografia. Fotografia e história: interfa-

16 ALBURQUERQUE, 2011, p. 138.

- ces”. *Tempo*. Rio de Janeiro, vol. 1.nº 2, p. 78-98, 1996.
- FRANÇA PAIVA, Eduardo. “A iconografia na história – indagações preliminares”. In: FRANÇA PAIVA. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-34, 2004,.
- LUZZATO, Darcy Loss. A culinária da Imigração. In: SULIANI, Antônio; COSTA, Rovílio. (org.). *Cultura Italiana: 130 anos*. Ed. Bilingue. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.
- MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul, 1975.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. “O Mundo da imagem: território da história cultural”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy, SANTOS, Nádia Maria Weber, ROSSINI, Mirian de Souza (Orgs.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asterisco, pp. 99 – 122, 2008.
- RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. et al. Imigrantes em monumentos: da gratidão às homenagens. In: MARTINEZ, Elda Evangelina Gonzalez. Et al. *História da Imigração: possibilidades e escrita*. São Leopoldo: Oikos, pp.266 – 282, 2013.
- VENDRAME, Maíra Inês. A trajetória de dois imigrantes italianos no Brasil Meridional (1878-1900). In: *Revista Latino-Americana de História*. UNISINOS. Vol. 3, nº. 11. Set/ 2014. São Leopoldo, pp.167-185, 2014.
- _____. *Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)*. (Tese de Doutorado). PUCC-RS, 2013.
- _____. “Lá éramos servos, aqui somos senhores”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Ed. da UFSM. 2007.

Recebido em 05/05/2017

Aprovado em 03/07/2017